

**RESENHA DO LIVRO: “O URUBU QUE LOGO SOMOS:
CRÔNICAS E MEMÓRIAS DE UM DEVIR FLAMENGO”**

*BOOK REVIEW: “THE VULTURE WE SOON BECOME: CHRONICLES
AND MEMORIES OF A FLAMENGO BECOMING”*

*RESEÑA DEL LIBRO “EL BUITRE EN EL QUE PRONTO NOS
CONVERTIREMOS: CRÓNICAS Y MEMORIAS DE UN FLAMENGO EN
EL DEVENIR”*

Ingridy Mickaelly Lima dos Santos

Graduanda em Educação Física Licenciatura (UFS)
Universidade Federal de Sergipe – UFS
São Cristóvão, Sergipe, Brasil
E-mail: ingridymickaelly009@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4135-3193>

Lucas Murillo Gonzaga Silva

Graduando em Educação Física Licenciatura (UFS)
Universidade Federal de Sergipe – UFS
São Cristóvão, Sergipe, Brasil
E-mail: lucasmurill1211@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1746-5901>

Vanessa Matos Silva

Graduanda em Educação Física Licenciatura (UFS)
Universidade Federal de Sergipe – UFS
São Cristóvão, Sergipe, Brasil
E-mail: vanessamatosufs@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2321-3470>

Adriel Carvalho de Lima

Graduando em Educação Física Licenciatura (UFS)
Universidade Federal de Sergipe – UFS
São Cristóvão, Sergipe, Brasil
E-mail: adrielcarvalhodelima@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0616-1523>

Cristiano Mezzaroba

Doutor em Educação (UFSC)
Universidade Federal de Sergipe – UFS
São Cristóvão, Sergipe, Brasil
E-mail: cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4214-0629>

RESUMO

Trata-se da resenha do livro “O urubu que logo somos: crônicas e memórias de um devir Flamengo”, organizado por Fabio Zoboli e publicado pela Editora Ludopedio em 2025.

Palavras-chave: Clube de Regatas Flamengo. Futebol. Fabio Zoboli. Crônicas.

ABSTRACT

This is a review of the book “The vulture we soon become: chronicles and memories of a Flamengo becoming”, edited by Fabio Zoboli and published by Ludopédio Publishing in 2025.

Keywords: Clube de Regatas Flamengo. Football. Fabio Zoboli. Chronicles.

RESUMEN

Se trata de una reseña del libro “El buitro en el que pronto nos convertiremos: crônicas y memorias de un Flamengo en el devenir”, editado por Fabio Zoboli y publicado por la editorial Ludopedio en 2025.

Palabras clave: Clube de Regatas Flamengo. Fútbol. Fabio Zoboli. Crônicas.

O livro “O urubu que logo somos”, escrito por Fabio Zoboli, professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e torcedor apaixonado pelo Clube de Regatas do Flamengo (CRF), articula um conjunto de crônicas, memórias e artefatos culturais/simbólicos, que dão forma a uma compreensão singular e, ao mesmo tempo, coletiva do “Devir Flamengo”. A obra se ampara em memórias, biografias e narrativas das figuras emblemáticas do clube que atravessam gerações. A partir dessa correlação, são mobilizados ícones e símbolos, que conduzem o(a) leitor(a) a revisitar memórias que fazem ressignificar os mais diversos (e afetivos) modos de “ser” torcedor(a).

Para materializar essa densa proposta reflexiva, a obra, composta por 333 páginas, foi publicada no Brasil em 2025 pela Editora Ludopédio, reunindo um conjunto de vozes que aprofundam a reflexão sobre a identidade rubro-negra. Somam-se à ideia de Zoboli as contribuições de Edileuza Santos do Nascimento Cruz, Elder Silva Correia, Perolina Souza Teles, Sandra Raquel Santos de Oliveira, Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro e Victor Melo de Andrade.

No que diz respeito à sua estrutura textual, o exemplar está organizado em agradecimentos, prefácio e apresentação, seguidos por cinco capítulos, que discutem: (1)

a relação do “Devir Flamengo”: ‘Como tudo começou’; (2) ‘O urubu que logo sou... que logo somos’; (3) ‘O panteão’; (4) ‘Coloca na moldura’ e, (5) ‘Chutando de canhota’. Ao final, apresenta uma breve seção dedicada a uma pequena biografia dos(as) autores(as) participantes da escrita da obra.

A primeira seção do livro integra a experiência concreta do cotidiano a uma dimensão mítica e cosmológica. De um lado, a narrativa resgata memórias afetivas, como o “batizado rubro-negro” (p. 38) e a presença de familiares que fizeram das camisas e das despedidas marcas do universo rubro-negro. Por outro lado, essa experiência afetiva é elevada a uma dimensão que ultrapassa o cotidiano através de uma releitura do livro *Gênesis*, na qual o clube, que já existia de forma imaterial no Cosmos, é materializado na Terra por meio de uma criação divina de nove dias que estabelece seus símbolos, seu solo sagrado e seus instrumentos de fé.

Nessa simbiose, a herança afetiva transmitida entre gerações e a construção mítica de um destino rubro-negro se fundem para consolidar o CRF como uma entidade que habita um “outro patamar” (p. 47) de existência. Desse modo, os objetos que compõem a memória familiar deixam de ocupar o lugar de meras lembranças afetivas e passam a funcionar como artefatos simbólicos de mediação. A camisa costurada pela avó presenteada pelo tio torna-se “avatar” (p. 43) que possibilitam ao sujeito “en-carnar uma entidade maior” (p. 44), conectando a experiência vivida à dimensão imaterial/material do “ser Flamengo”.

Dando continuidade a essa construção de identidade, o capítulo “O urubu que logo sou... Que logo somos” utiliza seis crônicas para construir a identidade rubro-negra como representante do povo negro e pobre do Brasil, ressignificando a mascote “urubu”. Este surgiu como um termo pejorativo e racista na década de 1960, apropriado pela torcida e transformado em um “mito fundador”, um signo de resistência social. Logo, “O urubu é impessoal - enquanto expressa uma produção infinita de sentidos” (p. 51). A figura do urubu permite que a torcida produza acontecimentos múltiplos e identidades coletivas, mas ao mesmo tempo, singulares, representando uma população não hegemônica que desafia cotidianamente as desigualdades e o preconceito presente.

A criação do clube funciona como um estruturante social em que a torcida não apenas ocupa espaços, mas se apropria de um “delírio coletivo” (p. 54) que sustenta a resistência das classes populares contra as hierarquias da elite. Esse torcer produz sentidos

através de afetos que transbordam o campo, unindo “Geraldinos e Arquibaldos” (p. 63) em um sentimento de pertencimento que ignora divisões de classe.

Embora as diversas estruturas (físicas, simbólicas, sociais e econômicas, por exemplo) tentem separar os sujeitos, o afeto constitui o futebol e cria alianças baseadas na intensidade e na subjetividade de cada torcedor. A identidade flamenguista também dialoga com o estilo “brega” (p. 69) como artefato cultural, em que o ato de torcer se torna uma “breguice” por possibilitar que o(a) torcedor(a) possa sentir várias emoções. Isso também implica na recusa que a torcida seja reduzida a um simples número estatístico ou a unidade amorfa, mas que a nação deve ser vista como uma multiplicidade democrática e plural que tensiona o contexto social, indo além de uma representação numérica universal. Assim, o vermelho e o preto atuam como uma “segunda pele” que incorpora a energia vital e o poder, simbolizando a “raça, amor e paixão” (p. 82) que une todos os corpos da nação em um sentimento comum.

Essa dimensão simbólica estende-se ao capítulo “O Panteão”. O panteão é conhecido por ser um templo dedicado a divindades, e a ideia do autor, neste capítulo, é representar os jogadores do Flamengo seguindo esta linha de pensamento, em que eles aparecem como ídolos, seres supremos que merecem ser lembrados por suas conquistas. Nesta seção textual, temos um conjunto de 14 crônicas, as quais entrelaçam a história dos jogadores com a história de deuses gregos, entidades da mitologia iorubá ou figuras que marcaram a cultura brasileira.

As crônicas do Panteão destacam esta aproximação e semelhança entre jogadores e deuses, possibilitando-nos perceber o papel simbólico que estes jogadores representam no imaginário de cada torcedor(a), por serem reverenciados, adorados e lembrados pelos seus feitos dentro e fora de campo, como seres imortalizados para sempre na memória de quem é rubro-negro.

Em uma das crônicas, Zoboli cita que, para um jogador se tornar um ídolo ou uma espécie de ‘deus’, “[...] ele precisa gerar o desejo de ser imitado, de ser uma cópia, um modelo a ser reproduzido. Para possuir tal poder é preciso que sua figura humana de jogador seja consagrada” (p. 96). Destacam-se os feitos e conquistas de cada um dos jogadores, bem como características individuais que eles possuem, relacionando-as com figuras mitológicas que possuem traços semelhantes, por exemplo, o jogador Adílio é

comparado a Xangô, ambos justos e corajosos; Carpegiani é comparado ao Saci, por conta da astúcia, e Plassmann (goleiro) a Procusto, por ser métrico nas suas defesas.

Essa sensibilidade torcedora-sociocultural na escrita alcança também a seção “Coloca na Moldura”. Nela, o autor, após dançar o “Xirê dos orixás” (p. 184) da mitologia africana, entrelaça as mãos com um indígena da mitologia ameríndia e sai a visitar gregos e romanos como se estes estivessem ao longo de uma estrada, apresentando a ele (e a nós, leitores/as), aquilo que o futebol tem em comum com suas histórias.

Tornar compreensível aquilo que parece complexo é um dom digno de alguém que entendeu a razão da literatura. Zoboli parece ter compreendido isso e o faz nessa seção de maneira que o leitor sente a morte do curumim Coaraci e do jovem jogador Geraldo (p. 195) como se fossem um só. Nesse sentido de fazer sentir, é possível acreditar que a escolha dos autores(as) que colaboram com a escrita do livro tenha sido primorosa, certamente devido ao flamenguismo.

Para além desse encantamento causado pelo entrelaçamento do mitológico com o real, estão presentes nas páginas os nossos iguais: pessoas que sofrem com a depressão, o alcoolismo, as dores no corpo e na alma. Talvez pela exposição trazida pelo esporte esses nossos iguais se percebam tendo que esconder seus sofrimentos, que são comuns a todos nós, mas intensificados nesses sujeitos pelo mito da invulnerabilidade que carregam (os ídolos esportivos). Essa seção alcança com visível êxito a missão de tornar eterno como que em uma moldura esculpida em matéria resistente às intempéries do tempo a história e a memória desses personagens, acima de tudo, humanos.

O quinto capítulo da obra articula o “Devir Flamengo” como uma manifestação de resistência e transformação, em que figuras esportivas transcendem suas modalidades para encarnar-se como referenciais míticos e políticos. A trajetória da ex-jogadora de vôlei, Isabel Salgado, é vinculada à “energia da orixá Iansã” (p. 281), destacando sua capacidade de quebrar paradigmas como mulher, mãe solo e atleta politicamente ativa. Essa dimensão mítica estende-se a Stuart Angel, personificado como um “São Jorge” (p. 293) que enfrentou a ditadura militar, e Afonsinho, que, sob a simbologia de “Exu Tranca Rua” (p. 325), abriu caminhos fundamentais para a liberdade profissional ao conquistar o passe-livre no futebol. Essas narrativas reforçam aos mais jovens que “[...] não há vitória sem luta e que não há futuro sem lembrar do passado; da história” (p. 291).

Simultaneamente, os(as) autores(as) utilizam as crônicas para denunciar as fragilidades sociais e as engrenagens de exclusão que permeiam o esporte. A tragédia dos dez meninos do Ninho do Urubu é metaforizada através de Pinóquio, expondo a vulnerabilidade de jovens atletas perante os “Gepetos” (p. 300) – empresários/mandatários – focados no lucro, e exigindo que as instituições priorizem a dignidade humana em relação ao capital. O racismo estrutural também é central no debate, evidenciado na trajetória dos Jay(i)mes de Almeida (pai e filho) e na crítica ao novo Maracanã, cuja elitização ameaça afastar a alma popular e preta da torcida flamenguista, que, tal qual o canto das sereias, deve resistir para não ser silenciada pelo preconceito.

Por fim, a seção estabelece uma conexão profunda entre a política, a arte e a justiça social para definir o CRF como um espaço de acolhimento dos marginalizados. Através do diálogo entre a biografia de Sócrates e a poesia de Manoel de Barros, enfatiza-se que “[...] ambos eram adeptos ao ideário que defendia igualdade e justiça social” (p. 315), àqueles que a sociedade costuma ignorar. Essa perspectiva de transformação é reforçada pela união de Elza Soares e Garrincha, cujas vidas marcadas pela exclusão e superação simbolizam o uso da música, por Elza, como refúgio e uma “estratégia de sobrevivência” (p. 322) à violência doméstica sofrida em seu relacionamento.

A obra contribui para uma leitura e reflexão sensível sobre a necessidade de avançarmos sobre o olhar acerca do futebol para além de mero espetáculo esportivo, mas que também possamos entendê-lo como um meio estruturante social. Dessa maneira, a literatura utilizada colabora com a relação da “Nação Rubro-Negra” para além de uma unidade amorfa, mas como uma diversidade complexa que recusa a unidade, devido ao fato do(a) torcedor(a) continuamente exercitar uma produção de sentidos singulares e coletivos.

O livro satisfaz com sucesso sua função de estimular provocações intensas acerca das produções de identidades. Desse modo, a obra alcança a alma do “Devir Flamengo” como um desenvolvimento constante de metamorfosear-se. Demonstrando como a torcida revolucionou discriminações racistas e sociais, utilizando-se de palavras como “mulambo” e “urubu” para mitos e marcas de força política.

Portanto, podemos compreender o exemplar para além de uma leitura sobre o CRF, como uma aliança a respeito dos afetos que representam o futebol e a vida. Reconfigurando a “breguice” e a “segunda pele” através das cores vermelho e preto como

fundamentos que concedem o sentido à vida de um povo não hegemônico. Em suma, é necessária a leitura dessa obra para além dos(as) torcedores(as) flamenguistas, pois traz contribuições pertinentes que nos permitem refletir sobre a cultura brasileira, sobre como torcer é, também, uma atividade de criar a realidade através do delírio e de expectativa.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio do INCT/CNPq Estudos do Futebol Brasileiro pelas bolsas de iniciação científica que os membros participantes da escrita dessa resenha tiveram e estão tendo em seus processos de formação inicial, contribuindo de maneira relevante para o desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ZOBOLI, Fabio. **O urubu que logo somos:** crônicas e memórias de um devir Flamengo. São Paulo: Ludopédio, 2025.

Recebido em: 29 de junho de 2026

Aceito em: 03 de julho de 2026